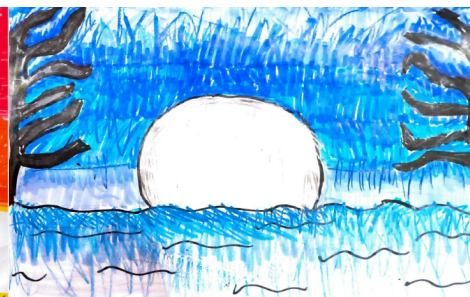
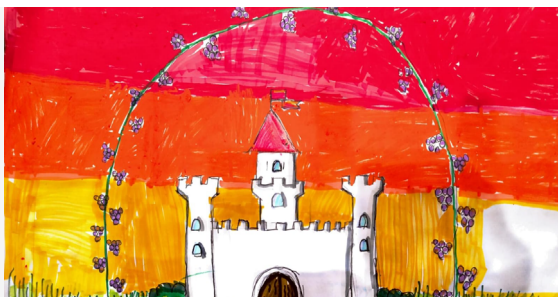


Veze e voz às crianças!



Ana Júlia Amaro da Silva, 9 anos – Marília – SP.

## EDITORIAL

### FELICIDADE E CRIAÇÃO: UM VÍNCULO INCONTORNÁVEL

Por *Dagoberto Buim Arena*

A seção de Professor para Professor, escrita por Suely Amaral Mello, e a *Eu faço assim...* por Maria Márjore de Freitas Araújo se destacam pelas boas provocações que fazem às professoras de crianças pequenas entre 4 e 6 anos.

Aqui do meu canto, destaco algumas. Suely comenta a prática milenar de contar e de ler histórias uns para os outros, em situações de troca, preservação e de desenvolvimento da cultura humana. As pessoas criaram histórias orais, criaram a escrita e, por ela, histórias. Esta é uma face da prática.

A segunda é a necessidade de quem escreve se encontrar com Outro para ouvir e para ler as histórias criadas. As duas faces se tocam, se provocam, se recriam, se transformam ao longo da história, e, juntas, promovem o desenvolvimento intelectual e cultural das crianças que crescem como pessoas em bolsões culturais múltiplos. A escrita e a leitura de histórias são práticas criadas e recriadas por séculos em virtude da reinvenção da própria escrita, dos suportes onde é inscrita e das mídias por onde circula. Enfiem-se por estas brechas culturais o livrinho para e o livrinho de crianças, prática abordada na seção *Eu faço assim...*

Nas três últimas décadas, professoras arrojadas se dedicaram a situar as crianças nas duas

faces, a de ouvintes e leitoras de histórias em livros e a da criação de histórias impressas em livros reais. Ao instalar a relação triádica ouvinte-leitor-escritor, a ação dessas professoras, conscientes ou não, rasgaram os papéis que não solicitavam criação, o de ouvinte-leitor, para concederem às crianças pequenas a ocupação do outro papel, encarcerado pelos adultos: o de criar histórias e de dar a elas publicidade.

Como fez Márjore, é importante abrir os ouvidos e os olhos para escutar as crianças, ouvir diálogos fortuitos, observar ações não determinadas pela docente, ouvir um pedido perdido na confusão de vozes. Mesmo pequenas, sugerem, indicam encaminhamentos, nem sempre percebidos. Márjorie deu importância à escuta para, então, criar as condições para a criação. Notou que algumas lidavam com livro-brinquedo. Outras não. Com essa observação, ela nos provoca: livro-brinquedo é necessário como transição para o livro-não-brinquedo? Ou é um outro objeto, distinto do livro de histórias?

Suely e Márjorie nos afirmam: criar gera felicidade. Por isso, a criança pequena se sente feliz ao criar. Custa criar felicidade?

## DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

### CRIANDO MOTIVOS E SENTIDO PARA LESCREVER

Por *Suely Amaral Mello*

Contar e ouvir histórias é prática ancestral. Pode-se imaginar que desde que os seres humanos desenvolveram a fala, a comunidade – a tribo, o grupo – se sentava no fim do dia para contar e ouvir – compartilhar - os feitos nas caçadas, os acontecimentos do dia, as emoções – os medos e as superações -, estabelecendo conexões entre quem saía e quem ficava no abrigo. Essas experiências que iam constituindo a cultura humana mantinham viva a memória do grupo, transmitiam conhecimentos e, de alguma forma, construíam uma explicação dos fenômenos e uma visão do mundo que o rodeava.

Imagino sempre uma fogueira no centro do grupo – que afastava animais, acolhia o grupo e iluminava os gestos que ajudavam a dar significado às narrativas.

Desde então, não paramos de contar histórias: a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero foram narradas oralmente antes de serem escritas. A poesia e o teatro vieram enriquecer as formas das narrativas; na Idade Média, os bardos, profissionais contadores itinerantes de história, levavam notícias para territórios distantes por meio das histórias que narravam.

Então, no Egito e na Mesopotâmia, as histórias começaram a ser escritas – ainda utilizando hieróglifos e a escrita cuneiforme. Deste tempo, conhecemos a *Epopeia de Gilgamesh*, considerada a história mais antiga do mundo, que narra a aventura de reis e deuses da Mesopotâmia de 3.800 anos atrás.

E de lá para cá não paramos de registrar as histórias. Com a invenção da imprensa, o acesso às histórias se ampliou. O texto escrito aos poucos se impôs, e o contar histórias se manteve como costume mais especialmente dos povos que cultivam uma tradição oral. E, modernamente, ainda que as formas da narrativa tenham se transformado com o cinema e outras mídias, as histórias continuam a ser um modo especial de conectar as pessoas e, entre os povos originários do mundo,

um modo de transmitir valores, conhecimentos e de manter a cultura do grupo.

Assim, quando contamos histórias para as crianças, convocamos de alguma forma essa ancestralidade. No entanto, as crianças não nascem com a sensibilidade para ouvir e gostar de ouvir histórias. É o modo como apresentamos e contamos ou lemos histórias para elas é que vai criando nelas o prazer, o gosto, a necessidade de ouvir mais histórias. Contamos e lemos histórias para as novas gerações, movidos pelo prazer de promover curiosidade e vontade de saber nas crianças e nos mais jovens, pelo prazer de perceber a imaginação se formando e, de alguma forma, de rever nelas a nossa infância, de recuperar memórias e reconstruí-las com a distância das experiências vividas. Os livros, diferentemente da televisão, do celular e do computador que hoje disputam a atenção e o tempo das crianças, criam relacionamentos, criam o sentimento de pertencer, de fazer parte de um grupo que ouve histórias e se deixa seduzir pelas palavras.

Assim, à medida que as crianças são intencionalmente provocadas pelo modo como lemos histórias, à medida que participam da escolha dos livros a serem lidos, à medida que ouvem repetidamente algumas mesmas histórias por elas escolhidas, vamos criando o prazer pela literatura. E, ao criarmos o prazer de ouvir as histórias que lemos para elas, vamos provocando a formação do sentido da leitura – a compreensão da função social da leitura: um texto lido nos remete a compreender a história; nos remete a compreender as ideias do texto, nos instiga a buscar significados.

Com a leitura de histórias, vamos ensinando o cérebro das nossas crianças que, frente a um texto escrito, buscamos nele ideias, significado, sentido. Como afirma Leontiev (1978, p. 234), “que o conhecimento educa, já não duvidamos. Mas, para que o conhecimento eduque, é preciso formar antes um

sentido para o conhecimento”. No entanto, para isso, é condição essencial não didatizar a leitura retirando dela o prazer da literatura: estabelecer uma rotina de leitura seguida de desenho “da parte da história de que mais gostou” ou leitura seguida de perguntas óbvias para checar a compreensão da história são práticas que podem transformar a leitura em mais uma tarefa escolar que não possibilita a sedução pelas palavras.

Além do sentido, isto é, da compreensão da função social da leitura, ao ler para as crianças, criamos a vontade, a necessidade de ler elas próprias as histórias. E, como aprendemos com a teoria histórico-cultural, o sentido e a necessidade são dois elementos essenciais para o processo de aprendizagem. Eles criam a disponibilidade para aprender, o motivo de que fala Leontiev, ou o afeto de que fala Espinosa.

Por isso, ler para as crianças é fundamental... em casa e na escola, na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

E, ao ouvir histórias... as crianças vão apreendendo sua estrutura, seus marcadores... vão criando para si a condição para criar suas histórias. Feito isso no coletivo, a atividade se torna uma brincadeira que conecta o grupo, suas experiências e imaginação num circuito solidário e acolhedor em que as ideias vão se construindo umas sobre as outras.

Se quisermos olhar para o processo coletivo de produção de uma história sob o ponto de vista da formação e desenvolvimento das funções psíquicas superiores, vamos perceber o exercício da oralidade (que organiza o pensamento), o exercício do próprio pensamento, da memória, da imaginação, de valores sociais como o respeito ao tempo e às ideias de um colega, ao mesmo tempo em que uma autoestima positiva se instala como resultado do pertencimento que a participação das crianças numa vivência promove.

A produção de livros de história com as crianças, relatada pela professora Márjore Araújo, da Rede Municipal de Educação Infantil de São Paulo, na sessão *Eu Faço Assim*, remonta às técnicas criadas por Célestin Freinet (ver Boletim Especial de Dezembro de 2023) e aposta na inteligência das crianças de produzirem textos livres que revelam sua inventividade, sua memória, seu

desejo de expressão. E, ainda que contextualizado na Educação Infantil, o processo cabe também às séries iniciais do Ensino Fundamental e além.

Seus passos são simples e envolvem todo o grupo de crianças. Começa-se por um texto criado coletivamente e animado por boas perguntas da professora que coordena o processo e realiza o registro do texto que vai nascendo da fala das crianças. Em seguida, uma leitura do texto para que o grupo perceba, comente e arranje – se necessário - sua estrutura, suas ideias, sua coerência. Resolver com o grupo o texto de cada página do livro a ser construído, garantindo espaço para sua ilustração (como nos livros de história de um modo geral). E, finalmente, em dias posteriores, a leitura acompanhada pelas crianças de cada página da história que será, então, ilustrada. Ao final, quando todas as páginas da história estiverem ilustradas, cada uma produz a capa do seu livro com ilustração e uma etiqueta produzida pela professora com o nome da turma, o ano, o nome da história coletiva. E cada um ainda escreve seu nome na capa, utilizando o crachá como referência.

Isso cria nas crianças uma vontade enorme de escrever ela própria mais histórias! E o Leontiev ficaria bem feliz ao perceber as crianças que compreendem o sentido da escrita e sentem necessidade de escrever - não letrinhas, nem sílabas – histórias, textos que expressam seu desejo de expressão. E o desejo de expressão, depois que abrimos as portas para ele, não acaba nunca, como diria Roland Barthes.

## Referência

LEONTIEV, A.N. *Actividad, Conciencia y Personalidad*. Buenos Aires, Ciencias del Hombre, 1978.

## EU FAÇO ASSIM

### NARRATIVAS DA INFÂNCIA: A LITERATURA INFANTIL CRIADA POR PEQUENINOS AUTORES

Por Maria Márjore de Freitas Araújo

“Era uma vez” é, certamente, uma das frases mais conhecidas por todos ao redor do mundo. Ela nos faz lembrar do brilho da infância, da magia das fábulas, do doce das fadas, do medo das bruxas e do amor de príncipes e princesas. Mas será que, nesse novo mundo repleto das mais diferentes informações e cercado de tecnologias que nos consomem, ainda é possível as crianças de hoje reconhecerem a importância e o sentido de entrarem nesse universo das histórias? O projeto “Conte uma história” nasceu da inquietude de uma turma multietária, composta por idades entre 4 a 6 anos, de uma escola da Rede Municipal de Educação de São Paulo.

Em nosso cotidiano, é comum que façamos um momento de contação de história, podendo ser na sala de referência, sala de leitura ou em qualquer lugar para o qual levamos ou nos encontramos com um livro. Durante a leitura de um livro, algumas crianças demonstram curiosidade pelas imagens e pelo enredo, mas há as que não se interessam, buscando outros livros ou brinquedos.

**Imagem 1** – Sala de leitura



Fonte: arquivo pessoal.

No início do ano de 2024, percebi que as crianças manifestavam a tendência, durante a roda, para recriar o enredo. Convidei-as a criarem sua própria história, em um livro que seria produzido por elas. Elas aceitaram e se empolgaram!

Separei canetão, papel pardo e os coloquei no chão da sala. Começamos a criar o início da narrativa. E como começou?

Com: “Era uma vez...”

Cada criança contribuiu com ideias criativas, personagens encantadores, falas divertidas e cenários surpreendentes.

**Imagem 2** – O registro



Fonte: arquivo pessoal.

Fiz perguntas que provocassem reflexão e as ajudassem a dar continuidade às ideias e as escrevia diante delas. Foi assim que “Onisbaldi, a aventura das crianças” foi criado. Ah! Vocês devem estar se perguntando, assim como eu me perguntei, o que é “Onisbaldi”? Matheus (5 anos) respondeu: “Ora, professora, na história tem um ônibus e por isso achei que combinava com esse nome!”

No dia seguinte à escrita, ilustraram os momentos preferidos. Mostravam os detalhes e os explicavam com entusiasmo. O nosso primeiro livro tinha referência ao autor, ilustradores e nome da editora por eles escolhido: “Editora Batata Palha”.

Escaneei as ilustrações, fiz a diagramação em um editor online e o livro foi impresso. Imaginem só quando o levei pronto para a sala! Os olhares, os sorrisos e a felicidade em poder folhear e perceber que aquele momento de conversa se concretizou realmente na publicação do livro da turma!

O documento sobre direitos das crianças paulistanas na Educação Infantil afirma (São Paulo, 2024, p. 36):

“Os bebês e as crianças têm direito à expressão gráfica – desenho e escrita – apropriando-se da linguagem escrita como ferramenta de comunicação, registro e memória”.

O nosso projeto permitiu a expressão gráfica como ferramenta de comunicação, de registro e de memória da turma! Ele despertou o entusiasmo de explorar o universo das histórias e compreender que o que é oral pode ser transformado em expressão gráfica.

Logo veio nosso segundo livro: “O livro dos coelhos”, com o final do enredo surpreendente e misterioso. As ilustrações foram feitas com massinha de modelar, escolhida pelas crianças.

Na roda de conversa, Matheus (5 anos) trouxe uma sugestão para todo o grupo: “Tenho uma ideia pra gente ficar famoso: poderíamos entregar livros em todos os lugares! Minha tia tem uma loja e a gente poderia colocar os livros lá!”. Todos gostaram da ideia e, depois disso, combinamos que os apresentariamos a outras turmas para que todas as crianças pudessem conhecer o nosso trabalho. Também começamos a organizar uma manhã de autógrafos na EMEI.

Incluimos nossos livros no projeto da Unidade Escolar “Biblioteca Circulante”, para as famílias começaram a recebê-los toda semana em suas casas. Os retornos foram animadores!

Antes do ano de 2024 acabar, criamos mais um livro, “A escola dos ursos”, dando mais um passo nesse mundo mágico da leitura e da escrita na educação infantil.

Tudo isso nos proporcionou mais duas vivências especiais: fomos convidados para conhecermos a Bienal do Livro de São Paulo e a participar do programa Boas Práticas da TV Cultura. Foram duas experiências incríveis.

Organizamos a manhã de autógrafos e convidamos outra turma da EMEI. Nossos pequenos autores tiveram a oportunidade de compartilhar suas obras e autografar os seus livros para os colegas, vivendo um momento único e inesquecível.

### Imagem 3 - Sessão de autógrafos



Fonte: arquivo pessoal.

E quem disse que esta história acabou? No ano de 2025, a turma produziu mais dois livros: “A princesa que salvou a piscina” e “O mistério dos gatos”. Assim, os protagonistas dessas histórias se tornaram autores de suas próprias narrativas, dando vida às ideias que nasceram da imaginação de cada um deles.

Concluo este relato, citando a pesquisadora Suely Amaral Mello, referência nos estudos de formação da Rede Municipal de Educação de São Paulo. Ela nos ensina que, para garantir a introdução adequada da criança ao mundo da linguagem escrita, é importante que a professora registre os textos que as crianças oralmente criam. Esta abordagem, sem dúvida, valoriza a autoria infantil e fortalece o vínculo entre a oralidade e a escrita.

Era uma vez... Nossas histórias:



Fonte: arquivo pessoal.

Para saber mais sobre a participação no programa da TV Cultura – Boas práticas escolares, segue o link para quem desejar assistir:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=dUb-MG-iDqw&t=1s>

### Referência

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Intencionalidade, Planejamento, Protagonismo e Participação: Reflexões e orientação pedagógica para a educação infantil paulistana*. São Paulo: SME / COPED, 2024.

## MURAL

### COMPARTILHANDO IDEIAS

Por que usar livros de imagem?

O livro de imagem não é um pré-livro, mas uma obra de arte que desafia o leitor a construir sentidos. Ele promove:

- *Autonomia do leitor*: sem o texto verbal para guiar o que deve ser sentido, a criança torna-se coautora da história.
- *Letramento visual*: vivemos em um mundo de imagens. Ler as nuances de cores, ângulos e traços é uma habilidade essencial para o século XXI.
- *Sensibilidade estética*: o contato com diferentes estilos artísticos amplia o repertório cultural e a percepção do belo.

No trabalho pedagógico com livro de imagens valorize o silêncio ao ler um livro de imagem com a turma, permita que as crianças observem cada detalhe antes de qualquer intervenção. Em vez de contar o que acontece, faça perguntas: *O que você percebe nessa cor? ou Como o personagem parece estar se sentindo aqui?* Observem juntos o formato do livro, o tipo de papel e as guardas (as páginas coladas na capa).

A leitura da imagem é um processo de descoberta em que o leitor mobiliza seus conhecimentos de mundo para preencher as lacunas deixadas pelo autor-ilustrador.

### LEITURA NA RODA

No distrito de Thille Boubacar, no Senegal, o menino **Moussa** utiliza um papel trazido pelo vento para desenhar o lugar onde vive. Seu objetivo é presentear o pai, que mora longe, com esse registro de seu cotidiano. Através do olhar do menino e de ilustrações reais de crianças locais, o leitor é convidado a descobrir as belezas e detalhes do povoado. Livro de Roser Rimbau, ilustrado por Rocío Araya e traduzido por Nina Rizzi.



### DICA DE LEITURA



Esta leitura servirá como valiosa fonte tanto para professores ingressantes, quanto para os veteranos. Esse livro é resultante do trabalho de um grupo de educadores que tem por objetivo levar a literatura infantil para a sala de aula e, dessa forma, envolver os alunos com os livros. Os autores acreditam realmente que é possível mudar a maneira de se ensinar leitura nas escolas brasileiras.

SOUZA, R.; GIROTTO, C. G. G. S.; ARENA, D. B.; MENIN, A. M. da C. S. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, Mercado das Letras, 2010.

### FIQUE POR DENTRO

Por No artigo *Contribuições para a formação do leitor literário por meio do livro de imagem*, as pesquisadoras Érika Christina Kohle e Gisele de Assis Carvalho Cabral analisam a arquitetura artística de Rui de Oliveira para demonstrar como o livro de imagem é um potente mediador de sentidos.

Fundamentado na Filosofia da linguagem, o estudo revela que aprender a interpretar ilustrações desde a infância amplia a sensibilidade estética e a profundidade dos atos de ler, permitindo que o pequeno leitor compreenda narrativas complexas através do diálogo entre a obra e suas vivências.

KOHLE, É. C.; CABRAL, G. de A. C. *Contribuições para a formação do leitor literário por meio do livro de imagem*. Colloquium Humanarum. v. 20, n. 1, p. 443–460, 2023.